

Novas Tendências em Análise do Discurso abre espaço as questões mais recentes desta disciplina.

A AD é interpretada no interior de uma certa tradição, como o encontro da conjuntura intelectual do seu surgimento, em meados da década de 60, com uma prática escolar, a "explicação de textos" presente sob múltiplas formas em todo o aparelho de ensino francês.

SIB/UFES



188722

Dominique Maingueneau

NOVAS TENDÊNCIAS EM ANÁLISE DO DISCURSO

NOVAS TENDÊNCIAS em ANÁLISE do DISCURSO

82-08
M22.5n
3.ed
MAI

ag 188722

EDITORA DA UNICAMP

→ Dominique Maingueneau



9 788571 130814

Novas Tendências em Análise do Discurso abre espaço para as questões mais recentes desta disciplina.

A AD é interpretada no interior de uma certa tradição, como o encontro da conjuntura intelectual do seu surgimento, em meados da década de 60, com uma prática escolar, a "explicação de textos" presente sob múltiplas formas em todo o aparelho de ensino francês.

Ligada às teorias enunciativas, a AD de Maingueneau pode ser lida como uma reação sistemática àquela que procurava colocar em evidência

Esse livro foi adquirido através de convênio entre a PETROBRAS e a UFES. Esse patrimônio também é seu. Ajude a conservá-lo.



NOVAS TENDÊNCIAS EM ANÁLISE DO DISCURSO

3ª EDIÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maingueneau, Dominique

Novas tendências em análise do discurso /
Dominique Maingueneau ; tradução Freda Indursky ;
revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda
Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes.
Campinas, SP : Pontes : Editora da Universidade Estadual
de Campinas, 3ª edição, 1997.

Bibliografia.

ISBN 85-7113-081-7

I. Análise do discurso. I. Título. II. Série.

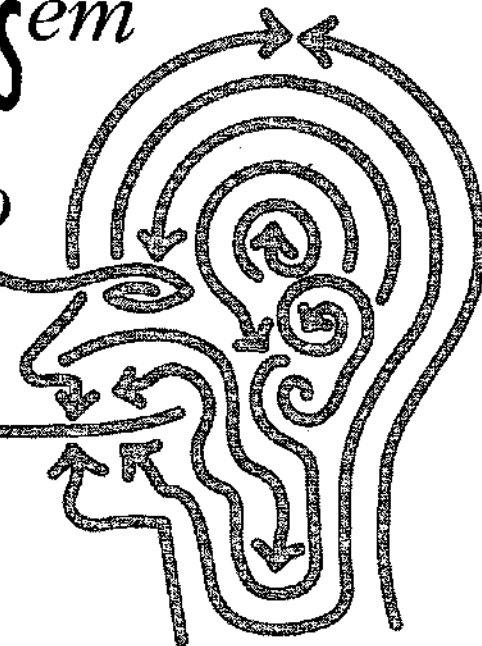
89-0696

CCD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise do discurso ; Lingüística 410

NOVAS TENDÊNCIAS *em* ANÁLISE *do* DISCURSO



Dominique Maingueneau

3ª EDIÇÃO



Pontes
1997

FC 56052

Copyright © 1987 Hachette

3ª Edição - 1997

Título Original: Nouvelles Tendances en Analyse du Discours
Direitos adquiridos para a língua portuguesa pela Pontes Editores

Coordenação Editorial: Ernesto Guimarães

Capa: Claudio Roberto Martini

Revisão: Adagoberto Ferreira Baptista

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNICAMP

Reitor: José Martins Filho

Coordenador Geral da Universidade: André Villalobos

Conselho Editorial: Alfredo Miguel Ozorio de Almeida, Antonio Carlos Bannwart, César Francisco Ciacco (Presidente), Eduardo Guimarães, Hugo Horácio Torriani, Jayme Antunes Maciel Júnior, Luiz Roberto Monzani, Paulo José Samenho Moran

Diretor Executivo: Eduardo Guimarães

Caixa Postal 6074

Cidade Universitária - Barão Geraldo

13083-970 - Campinas - SP

Fone/Fax (019) 788.2174 - 788.2170

DOAÇÃO

BIBLIOTECA CENTRAL

UFES

Nº 188.722

PONTES EDITORES

Rua Maria Monteiro 1635

13025.152 Campinas SP Brasil

Fone (019) 252.6011

Fax (019) 253.0769

Maingueneau, Dominique

1997

Impresso no Brasil Novas tendencias em analise do discurso

82-08/M225n/3. ed/

(188722/03)

SUMÁRIO

Advertência	7
Introdução	9
I — A INSTITUIÇÃO DISCURSIVA	
1. A Cena Enunciativa	29
2. Uma "Prática Discursiva"	53
II — A HETEROGENEIDADE	
1. A Heterogeneidade Mostrada	75
2. Do Discurso ao Interdiscurso	111
III — AS PALAVRAS DO DISCURSO	
1. Para Além dos Termos-Pivôs	133
2. Os Conectivos Argumentativos	159
Conclusão	187
Bibliografia	189
Índice Remissivo	197

ADVERTÊNCIA

Esta obra constitui uma seqüência natural do livro *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*. Inicialmente, pensamos em proceder à atualização deste primeiro volume, mas rapidamente ficou claro que esta não era uma boa solução, à medida que esta "atualização" teria, de fato, o aspecto de uma reescritura completa que, além disso, não atingiria o objetivo pretendido. Nosso projeto era efetivamente o de abrir espaço para questões mais recentes, sem, contudo, contestar as bases definidas na obra precedente, as quais ainda nos parecem pertinentes. Ora, não era possível justapor, sem alguma incoerência, questões historicamente distanciadas, cujos pressupostos são distintos. Além disso, considerando que, globalmente, as tendências apresentadas neste volume não pretendem substituir, mas completar aquelas que foram expostas no livro precedente, uma reformulação total nos obrigaria a reproduzir a maior parte de *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours* e, conseqüentemente, publicaríamos um livro muito extenso que, em grande parte, representaria uma duplicação do primeiro.

Preferimos dispor de dois livros dotados, cada um, de sua própria coerência e organizar um percurso que conduza de um a outro, de forma a torná-los complementares, apoiando-se o segundo sobre o primeiro para distinguir novos domínios. Esta situação apresenta a vantagem de oferecer uma perspectiva histórica, que permite a identificação das constantes e dos reordenamentos na evolução de uma disciplina.

INTRODUÇÃO

I

A existência e o sucesso da análise do discurso, ou, mais exatamente, daquela que, por vezes, é chamada de “escola francesa de análise do discurso” não são coisas por si só evidentes. O lugar de uma disciplina desta natureza não estava previamente inscrito no campo do saber. Na realidade, é preferível interpretá-la, no interior de uma certa *tradição*, como o encontro de uma *conjuntura intelectual* e de uma *prática escolar*.

Na França e, de forma geral, na Europa, é tradição associar fundamentalmente reflexão sobre os textos e história. Consideremos, por exemplo, esta apresentação da “filologia” tradicional:

“A filologia foi chamada “a mais difícil arte de ler”. Ou seja, o papel da filologia consiste em determinar o conteúdo de um documento lavrado em língua humana. O filólogo quer conhecer a significação (*sic*) ou a intenção daquele cuja fala é conservada através da escrita. Deseja igualmente captar a cultura e o meio no interior dos quais este documento nasceu e compreender as condições que permitiram sua existência. Trata-se, geralmente, de escritos antigos, embora o método filológico também possa prestar-se à interpretação de documentos contemporâneos. Para o filólogo, a ciência da linguagem propriamente dita (...) é apenas um conjunto de meios para atingir o sentido contido na palavra escrita ou falada. Em outros termos, a filologia é apenas a serva de outras ciências. Ela auxilia historiadores

do direito, da religião, da literatura etc., filólogos que querem interpretar os textos. Se a filologia se aplica a problemas verdadeiramente lingüísticos, como a fonética, a morfologia, a sintaxe ou a semântica, é apenas para assegurar uma interpretação exata¹".

Lendo estas linhas, percebe-se facilmente que a análise do discurso ocupou uma boa parte do território liberado pela antiga filologia, porém com pressupostos teóricos e métodos totalmente distintos.

A conjuntura intelectual é aquela que, nos anos 60, sob a égide do estruturalismo, viu articularem-se, em torno de uma reflexão sobre a "escritura", a lingüística, o marxismo e a psicanálise. "A análise do discurso na França é, sobretudo, — e isto desde 1965, aproximadamente — assunto de *lingüistas* (...), mas também de *historiadores* (...) e de alguns *psicólogos* (...). A referência às questões filosóficas e políticas, surgidas ao longo dos anos 60, constitui amplamente a base concreta, transdisciplinar de uma convergência (...) sobre a questão da construção de uma abordagem discursiva dos processos ideológicos²".

Enfim, a prática escolar referida é a "explicação de textos", presente sob múltiplas formas em todo o aparelho de ensino, da escola à Universidade. Esta relação entre o sucesso da análise do discurso na França e a prática escolar foi freqüentemente sublinhada. A. Culioli, por exemplo, observa que "a França é um país onde a literatura desempenha um grande papel, sendo possível questionar se a análise do discurso não seria uma maneira de substituir a explicação de textos como forma de exercício escolar³". Isto também não escapou a um observador externo: enquanto a análise de conteúdo "percorre os textos para codificá-los, a análise do discurso exige uma leitura verdadeira, conseqüentemente, próxima da explicação de textos apreciada pelos professores de francês de nossas escolas⁴". Mas, note-se, esse paralelismo não pretende invalidar a análise do discurso, propõe-se apenas sublinhar que boa parte de suas origens decorre de um certo modo de tratar os textos que é próprio de nossa sociedade.

O analista do discurso vem, dessa forma, trazer sua contribuição às hermenêuticas contemporâneas. Como todo hermeneuta, ele supõe

que um sentido oculto deve ser captado, o qual, sem uma técnica apropriada, permanece inacessível. É o espaço escolar que lhe confere autoridade e garante que os textos analisados possuem, de fato, uma significação oculta, mesmo que um ou outro analista se mostre incapaz de decifrá-la. Entretanto, como lembra M. Pêcheux, "a análise de discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando "o" sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a *níveis opacos à ação estratégica de um sujeito* (...). O desafio crucial é o de *construir interpretações*, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal⁵". Dito de outra forma, a análise do discurso depende das ciências sociais e seu aparelho está assujeitado à dialética da evolução científica que domina este campo.

II

Invocar o "sucesso da análise do discurso" implica expressar-se de forma ambígua; de fato, desse modo tanto é possível compreender o sucesso da expressão "análise do discurso" quanto o da disciplina de que trata esta obra. Infelizmente, os dois aspectos não coincidem e assiste-se a uma verdadeira proliferação de empregos da expressão "análise do discurso". Aliás, em *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, havíamos levantado, sem pretensão de exaustividade, seis acepções do termo *discurso* na literatura lingüística; desde então, a situação tornou-se ainda mais confusa, pois agora é o sintagma completo, *análise do discurso*, que está sendo arrastado a uma circulação incontrolável. Em lugar de lutar contra o desvio ilícito e invocar um policiamento terminológico, é preferível compreender do que esta situação é o sintoma.

Se, nos dias de hoje, "análise do discurso" praticamente pode designar qualquer coisa (toda produção de linguagem pode ser considerada "discurso"), isto provém da própria organização do campo da lingüística. Este último, muito esquematicamente, opõe de forma constante um núcleo que alguns consideram "rígido" a uma periferia cujos contornos instáveis estão em contato com as disciplinas vizinhas (sociologia, psicologia, história, filosofia, etc.). A primeira região é dedicada ao estudo da "língua", no sentido saussuriano, a uma rede de propriedades formais, enquanto a *segunda* se refere à linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em es-

estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas. O termo "discurso" e seu correlato "análise do discurso" remetem exatamente a este último modo de apreensão da linguagem.

Há duas formas de ler a oposição entre estas duas zonas do campo lingüístico: a primeira revela uma hierarquia entre o que depende plenamente da lingüística e o que seria apenas um conjunto de margens, de reincidências pouco científicas do núcleo rígido; a outra, aquela que defendemos, afirma, de início, a dualidade radical da linguagem, a um só tempo, integralmente formal e integralmente atravessada pelos embates subjetivos e sociais. Mas o reconhecimento desta dualidade em nada diminui o caráter conflituoso desta situação: a fronteira entre as duas zonas não é de forma alguma demarcada com antecedência e constitui inevitavelmente o objeto de um debate incessante. Além disso, aqueles que trabalham sobre a vertente "discursiva" da linguagem, oscilam entre duas atitudes; alguns aceitam a partilha do campo, outros sonham com uma "lingüística do discurso" que desestabilizasse totalmente o núcleo central. Este extremismo parece-nos tão insensato quanto o extremismo daqueles que sonham com uma língua libertada de todos os seus enunciadores e de todo peso social.

Se considerarmos, agora, como a periferia está distribuída, compreender-se-á facilmente que o conteúdo das múltiplas "análises do discurso" que aí se desenvolvem varia em função das disciplinas vizinhas em que se apóiam. O "discurso" modifica-se de acordo com as referências que faz à psicologia, à história, à lógica, etc., e, no interior destes campos, a esta ou aquela escola: uma "análise do discurso" pode, por exemplo, retirar boa parte de seus conceitos da psicologia, mas tomará uma configuração diferente segundo se trate de psicologia cognitiva ou psicanálise e, no interior da psicanálise, por filiar-se a esta ou aquela escola. Encontrar-se-á uma diversificação simétrica quando se examinam as relações que essas análises do discurso estabelecem com a lingüística, a qual por sua vez, se divide em uma multiplicidade de ramos e escolas.

Nestas condições, é compreensível que a noção da "análise do discurso" se torne uma espécie de "coringa" para um conjunto indeterminado de quadros teóricos. Vê-se, por exemplo, um sociolinguísta como P. Achard propor que ela se torne "o quadro conceitual

comum à teoria do uso (ou utilização) da linguagem", isto é, ao conjunto da sociolingüística, à medida que, segundo ele, a análise do discurso ocupar-se-ia "da linguagem sempre do ponto de vista de uma utilização especificada por suas condições"⁸. A razão de uma tal opção nos é dada mais adiante: "Esta corrente (a análise do discurso) parece a única na qual a sociolingüística é definida como tal, sem colocar-se a reboque de uma outra disciplina"⁹. Talvez resida aí a explicação para a atração exercida pela etiqueta "análise do discurso": ela define um campo de problemas da linguagem sem remeter a uma disciplina conexa à lingüística.

No momento em que "a escola francesa de análise do discurso" constituiu-se, a conjuntura teórica era bastante diferente e o trabalho de explicitação de suas fronteiras não se revestia da mesma urgência que apresenta agora. Em seguida, ela viu, sem desagrado, expandir-se o campo de sua denominação, sem perceber, de imediato, o perigo que isto representava para o reconhecimento de sua especificidade. Se, durante um longo período, foi-lhe suficiente definir-se como "o estudo lingüístico das condições de produção" de um enunciado⁶, hoje parece necessário precisar melhor os critérios para analisar a experiência que realiza. Caso contrário, na ausência de critérios um pouco drásticos de exclusão, em breve ela será apenas uma etiqueta desprovida de qualquer sentido.

De imediato, é preciso explicitar as razões pelas quais uma conversa de bar, por exemplo, não se constitui, em princípio, em objeto da AD, embora, por outro lado, esta seja passível de estudos que se filiam a outras formas de "análise do discurso". Poder-se-ia adiantar que a AD (convencionar-se-á, para evitar equívocos, abreviar assim o termo "escola francesa de análise do discurso") se apóia crucialmente sobre os conceitos e os métodos da lingüística, mas este não é, com toda evidência, um traço bastante discriminador. Na verdade, é preciso levar em consideração outras dimensões; a AD relaciona-se com textos produzidos:

- no quadro de instituições que restringem fortemente a enunciação;
- nos quais se cristalizam conflitos históricos, sociais, etc.;

— que delimitam um espaço próprio no exterior de um interdiscurso limitado.

Os objetos que interessam à AD, conseqüentemente, correspondem, de forma bastante satisfatória, ao que se chama, com freqüência, de *formações discursivas*, referindo de modo mais ou menos direto Michel Foucault que, através deste conceito, entende

“um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa”.

Nesta perspectiva, não se trata de examinar um corpus como se tivesse sido produzido por um determinado sujeito, mas de considerar sua enunciação como o correlato de uma certa *posição* sócio-histórica na qual os enunciadores se revelam substituíveis. Assim, nem os textos tomados em sua singularidade, nem os corpus tipologicamente pouco marcados dizem respeito verdadeiramente à AD.

Todavia, esta restrição do campo da AD pode parecer ambígua, à medida que é possível considerá-la como uma limitação de direito ou como uma simples limitação de fato que pode ser superada com o auxílio de uma crítica apropriada. Com efeito, alguns pensam que a AD constitui uma prática excessivamente restritiva. P. Fiala, J. Boutet, M. Ebel, por exemplo, após haverem constatado que “a análise do discurso político jamais se interessou, por assim dizer, pelas propriedades do discurso “comum”, tendo-se constituído e desenvolvido em torno da observação de objetos fortemente institucionalizados”¹⁰, preferem propor “a descrição das práticas efetivas de linguagem”, sem privilegiar exclusivamente os “textos de arquivos”, interessando-se pela diversidade das produções mais espontâneas que participam, em sua circulação, do “rumor” político. Experiência esta que pressupõe a atribuição de um lugar de primeiro plano ao heterogêneo: “irregularidades gramaticais, discurso interrompido, intervenção de fatores extralingüísticos na mudança verbal, variações formais do código de acordo com diferentes “níveis de língua”, mudança do sentido das palavras, etc.”¹¹.

Desta forma, criticam a AD, “construída como uma nova solução às aporias da crítica filológica tradicional”¹², por limitar-se aos corpus impressos, eliminando de suas pesquisas “a heterogeneidade dos mecanismos que atuam nas produções de linguagem, postulando um nível discursivo teórico onde os mecanismos formais (lingüísticos) e os dados institucionais (condições de produção) poderiam se articular em um todo homogêneo, controlável, teorizável”¹³.

Estas críticas são perfeitamente legítimas, mas a verdadeira questão consiste em saber se elas não conduzem à definição de uma prática distinta da AD. Quando os autores escrevem que em AD “o ponto de vista sociológico sobre o discurso é nitidamente reduzido em relação ao ponto de vista histórico”¹⁴, eles sublinham com adequação um aspecto importante. Se for adotado, como eles o fazem, um ponto de vista sociolingüístico, a AD assumirá o aspecto de uma prática particularmente redutora; em compensação, admitindo-se, como o fizemos, a existência de uma multiplicidade de “análises do discurso”, compreender-se-á que uma delas mantém uma relação privilegiada com a história, os textos de arquivos, as instituições restritivas, enquanto uma outra, diretamente relacionada à sociologia, recorre com maior freqüência às pesquisas de campo e se interessa por enunciados cujas estruturas são reguladas com flexibilidade por fatores heterogêneos. Além dos problemas de corpus, mobilizam-se, assim, uma prática e um jogo de remissões teóricas diferentes. Com toda a clareza, a AD lança um olhar específico sobre o domínio do “discurso” e não há de ser por que ela ocupa o lugar que a filologia deixou vago que este olhar será desqualificado: todas as atividades das ciências sociais estão inevitavelmente situadas, a AD não escapa à regra. Isto, entretanto, não a coloca fora do alcance da crítica: todo questionamento teria fundamento caso mostrasse que o objeto instituído pela AD não é pertinente ou que seus conceitos e seus métodos não permitem apreender convenientemente este objeto.

Para avaliar a especificidade da “escola francesa da análise do discurso”, basta confrontá-la ao que, genericamente, é entendido, nos Estados Unidos, como “análise do discurso”: uma disciplina dominada pelas correntes interacionistas e etnometodológicas que toma como objeto essencial de estudo a conversação ordinária. F. Gadet resume estas diferenças no quadro que segue ¹⁵:

	AD francesa	AD anglo-saxã
Tipo de discurso	<i>Escrito</i> Quadro institucional doutrinário	<i>Oral</i> Conversação cotidiana comum
Objetivos determinados	<i>Propósitos textuais</i> explicação — forma Construção do objeto	<i>Propósitos comunicacionais</i> descrição — uso Imanência do objeto
Método	"estruturalismo" lingüística e história	<i>interacionismo</i> psicologia e sociologia
Origem	lingüística	antropologia

A comparação é eloqüente e compreende-se que o livro *Introduction to discourse analysis* de M. Coulthard¹⁶ e nossa *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*, excluindo-se seus títulos, nada tenham em comum, como observa a autora do quadro¹⁷.

O domínio da AD, mesmo restringido desta forma, permanece ilimitado. Costuma-se recorrer a tipologias funcionais (discurso jurídico, religioso, etc.) ou formais (discurso narrativo, didático, etc.), mas o estudo destes últimos constitui apenas uma etapa preliminar para a AD, não seu objetivo. Ela cruza-os uns com os outros, especificando-os espacial e temporalmente, associando-os necessariamente a condições de produção particulares: o discurso jurídico didático de tal época e de tal lugar, o discurso polêmico filosófico em tal contexto, com todas as especificações ulteriores que se desejar, etc. A AD pode também, e é o caso mais freqüente, realizar o movimento inverso a partir de uma ou várias formações discursivas (a imprensa socialista, os manifestos feministas, o discurso de determinada corrente da crítica literária, etc.).

Vale dizer que, fazendo variar este ou aquele parâmetro, pode-se construir uma infinidade de objetos de análise. Na realidade, seria melhor questionar o que poderia não ser "discurso": não apenas os enunciados, mas também as análises destes enunciados, e assim *ad libitum*, oferecem a possibilidade de recortar um conjunto ilimitado de campos de investigação. Comparados à infinidade de

objetos de análise possíveis, os objetos que a AD efetivamente constrói parecem irrisoriamente restritos. Longe de remeter a algum recorte natural, a alguma marcação metódica de um espaço delimitado, eles apenas manifestam, de forma mais ou menos oblíqua, as preocupações que atravessam esta ou aquela coletividade em uma conjuntura dada. A predileção da AD, em seus inícios, pelo discurso político da esquerda francesa, por exemplo, não é obra do acaso; J. J. Courtine coloca isto em relação com a conjuntura definida pelo programa comum de governo assinado pelos socialistas e comunistas¹⁸.

Para a AD, o "discurso" como tal não poderia ser apreendido diretamente, salvo se quisesse limitar-se a generalidades filosóficas. Ela relaciona-se com um entrelaçamento irrepresentável de textos no qual apenas hipóteses heurísticas e pressupostos de ordens diversas permitem recortar unidades consistentes.

III

Até o presente momento, não justificamos de forma alguma a reivindicação feita pela AD de pertencer ao campo da lingüística. Estabelecendo que "o que distingue a AD de outras práticas de análise de textos é a utilização da lingüística¹⁹", não se afirma algo óbvio, mas isto resulta de uma opção epistemológica. Não é suficiente, pois, constatar que um discurso é feito de palavras para daí concluir que seu estudo depende mais da lingüística do que de uma outra disciplina. Optar pela lingüística, de modo privilegiado-mas não exclusivo, consiste em pensar que os processos discursivos poderão ser apreendidos com maior eficácia, considerando os interesses próprios à AD. Isto não implica que os textos em questão não possam ser objeto de abordagens com propósitos diversos.

Uma vez afirmada a inscrição da AD no espaço lingüístico, é conveniente questionar de que forma ela deve pensar sua relação com a lingüística. Sobre este aspecto, a posição da AD parece delicada, já que, para retomar uma fórmula de J. J. Courtine, em AD "é preciso ser lingüista e deixar de sê-lo ao mesmo tempo²⁰". De fato, por um lado, a discursividade define "uma ordem própria, diversa da materialidade da língua" e, por outro, esta ordem "se realiza na língua²¹". Situação de desequilíbrio perpétuo que tanto impede a AD de deixar o campo lingüístico, quanto de enclausurar-

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

